



O adjetivo no português brasileiro contemporâneo

The adjective in contemporary Brazilian Portuguese

José Romerito Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte / Brasil
jromeritosilva@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2507-9742>

Ana Catarina Ferreira Cabral Oliveira

Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte / Brasil
acfcoliveira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9367-7464>

Resumo: Neste artigo, abordamos o adjetivo no português brasileiro contemporâneo. Temos como objetivo analisar essa categoria linguística em perspectiva construcional considerando aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, cognitivos e discursivo-pragmáticos envolvidos em seu uso. Nossa abordagem é de natureza qualitativo-explicativa com eventual suporte quantitativo. Na análise, utilizamos dados de fala e de escrita coletados em gêneros discursivos diversos, buscando captar a multifuncionalidade do adjetivo na interação comunicativa. Para embasar teórica e metodologicamente nosso estudo, recorreremos à Linguística Funcional Centrada no Uso, corrente que articula, em suas investigações, pressupostos e conceitos operacionais da Linguística Funcional norte-americana e, principalmente, da Gramática de Construções. Dados do *corpus* mostram que a diversidade formal e funcional de construções adjetivas é motivada sobretudo por fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos.

Palavras-chave: adjetivo; construção linguística; Linguística Funcional Centrada no Uso; relação forma-função.

Abstract: In this article, we address the adjective in contemporary Brazilian Portuguese. We aim to analyze this linguistic category in a constructionist account considering morphological, syntactic, semantic, cognitive and discursive-pragmatic aspects involved in its use. Our approach is qualitative-explanatory in nature with eventual quantitative support. In the analysis, we use speech and writing data collected in

different discursive genres, seeking to capture the multifunctionality of the adjective in communicative interaction. The study is theoretically and methodologically supported by Usage-based Functional Linguistics, a current that articulates in its investigations operational assumptions and concepts of North American Functional Linguistics and mainly of Construction Grammar. Data from the *corpus* show that formal and functional diversity of adjective constructions is motivated most of all by cognitive and discursive-pragmatic factors.

Keywords: adjective; linguistic construction; Usage-based Functional Linguistics; form-meaning relation.

Recebido em 31 de agosto de 2021

Aceito em 02 de novembro de 2021

1 Introdução

O adjetivo tem sido geralmente apresentado na tradição gramatical quanto à sua formação lexical e possibilidades flexionais bem como quanto às suas funções sintáticas de adjunto e predicativo, a exemplo do que se encontra em Almeida (2009), Rocha Lima (2011) e Bechara (2019). Nos estudos linguísticos, a abordagem do adjetivo no português tem se voltado para questões referentes à sua posição no SN, como os trabalhos de Borges Neto (1985), Callou e Serra (2003) e Prim (2010); à sua categorização semântica, tal como vemos em Mória (1992), Rio-Torto (2006) e Bertoldi e Chishman (2006); à sua natureza expressiva, conforme encontramos em Pria (2004); à sua força argumentativa, como em Ribeiro e Borstel (2010) e Pereira (2011). Mais especificamente, há estudos abordando os seguintes temas: adjetivos predicativos (CASTILHO; CASTILHO, 1993; CONTERATTO, 2009); adjetivos em *-do* (FOLTRAN; CRISÓSTIMO, 2005); adjetivos em *-vel* (SALLES; MELLO, 2005); adjetivos adverbializados (BARBOSA, 2006); adjetivos modalizadores (CORBARI; SELLA, 2007; SCHNEIDER, 2008). Em todos esses trabalhos, o adjetivo é examinado sob variados enfoques teóricos, concentrando-se em algum aspecto dessa categoria linguística.

Em perspectiva relativamente diversa, neste trabalho, examinamos o adjetivo no português brasileiro (PB) contemporâneo sob o enfoque

construcionista. Nessa direção, consideramos o adjetivo um pareamento de forma e função (*i.e.*, uma *Construção Adjetiva – CAdj*), com propriedades morfológicas, sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas particulares que o distinguem das demais classes lexicais. Em linhas gerais, buscamos descrever e explicar padrões construcionais (de forma e função) do adjetivo como categoria lexical no contexto (linguístico e comunicativo) em que se insere, procurando identificar motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas nos usos desses padrões.

Como referencial teórico-metodológico, recorreremos à Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme defendida por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016), entre outros. Essa denominação, cunhada por pesquisadores brasileiros do grupo de estudos Discurso e Gramática, equivale ao que internacionalmente se conhece como *Usage-based Linguistics (Linguística baseada no Uso)*, representada por Barlow e Kemmer (2000), Bybee (2010) e outros. Adicionalmente a essa base teórica, utilizamos contribuições de estudos sobre a categoria adjetivo, como os de Tucker (1998), Pria (2004), Ribeiro e Borstel (2010) e Oliveira (2021), por exemplo.

Este trabalho é de caráter predominantemente qualitativo-interpretativo com suporte quantitativo. Nesse viés, recorreremos a levantamentos quantitativos (absolutos e percentuais) das ocorrências identificadas, com o fim de comparar/explicar frequência de usos bem como verificar certas regularidades.

Por se tratar de um estudo que focaliza a língua em uso, utilizamos como material de análise dados de gêneros discursivos diversos, nas modalidades falada e escrita, colhidos predominantemente da *web*, em especial, jornais e revistas digitais, *blogs*, entre outros, procurando captar certa variedade do que tem sido divulgado atualmente na esfera virtual. Os gêneros selecionados são *artigo de divulgação científica, artigo de opinião, coluna social, conversa espontânea, entrevista, guia de viagens, miniconto, notícia, receita culinária, relato de experiência, resenha crítica e tutorial*. Ao todo, são 12 (doze) gêneros, recobrando o período que corresponde à última década deste século (XXI) – 2011 a 2020.

Os critérios utilizados para a escolha desses gêneros foram o fato de representarem amostras de fala e de escrita, com diferenças no grau de (in)formalidade dos registros, e de contemplarem variados modos de organização textual (narração, descrição, exposição, argumentação, injunção). De cada gênero, foram selecionados textos que somam o mínimo

de 850 palavras e o máximo de 900, o que resultou num *corpus* com o total de quase 10.500 palavras. O estabelecimento desses limites se deu em razão de procurarmos manter certo equilíbrio entre as amostras e, assim, evitar discrepância nos dados e possível tangenciamento da análise.

Além desta parte (introdutória), o trabalho encontra-se distribuído nas que seguem: primeiramente, fazemos uma breve apresentação do referencial teórico que baseia nossa análise; em seguida, expomos sucintamente a abordagem do adjetivo por gramáticos tradicionais e linguistas; na sequência, procedemos a uma análise da CAdj considerando aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos envolvidos em seu uso; por último, tecemos algumas considerações finais sobre o estudo realizado.

2 Aparato teórico

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é herdeira da tradição funcionalista norte-americana. Trata-se um modelo teórico interdisciplinar, que conjuga pressupostos e categorias analíticas do Funcionalismo givoniano com conceitos teórico-operacionais da Pragmática, da Semântica Cognitiva e, sobretudo, da Gramática de Construções na linha de pesquisadores como Adele Goldberg, William Croft, Mirjam Fried, Joan Bybee, Elisabeth Traugott, Graeme Trousdale, entre outros.

Tal abordagem linguística tem como pressuposto fundamental a noção de língua como um sistema adaptativo complexo, enraizado no uso e por ele modelado, que se configura em uma rede de construções interconectadas por relações diversas. Em vista disso, defende a investigação linguística com base nos usos reais de fala e/ou de escrita nas diversas situações de interação comunicativa (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Nesse modelo, é crucial o conceito de *construção*, a qual, segundo Goldberg (2003), consiste no pareamento simbólico entre forma e função, sendo a unidade linguística. Na visão de Croft (2001), o polo da forma constitui-se de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o da função, de propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas.

Para Fried (2015), as construções podem ser representadas por um morfema simples, uma palavra, um sintagma, uma oração,

um período composto ou mesmo um texto. Ainda segundo essa autora, elas podem ser plenamente especificadas (ou idiossincráticas), como *[pois]_{Conj}*; especificadas e flexíveis, como *[ente querido]_{Np}*, que pode variar em número; parcialmente especificadas e esquemáticas, como *[Adj-mente]_{Adv}*; parcialmente especificadas/ esquemáticas e variáveis/flexíveis, a exemplo de *[dar SN]_{Idiom}*, sujeita às flexões verbais; ou totalmente esquemáticas e não especificadas, como *[Suj V]_{Or}*.

Nessa perspectiva, Traugott e Trousdale (2013) defendem que as construções distribuem-se no *continuum* léxico-gramática, devendo ser aferidas com base no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade que elas apresentam. Esquematicidade refere-se ao grau de (in)especificidade de uma construção, relacionando-a à generalização categorial em termos taxonômicos (*i.e.*, um padrão abstrato paradigmático); produtividade diz respeito ao grau de proliferação de instâncias menos esquemáticas, em nível inferior, em que uma construção pode se estender, resultando em uma certa variedade de *types* subesquemáticos/microconstrucionais; composicionalidade tem a ver com o grau de paridade e transparência entre os polos formal e semântico da construção, definindo seu grau de analisabilidade (BYBEE, 2010).

Para Goldberg (1995), as construções de uma língua estendem-se em uma rede de outras (micro)construções hierarquizadas e interconectadas por certas relações de herança. Essas relações (*links*), de natureza taxonômica, podem ser por polissemia, por metáfora, por subparte, por instanciação e por herança múltipla. Por polissemia, quando ocorrem extensões de sentido de uma construção com base no significado nuclear prototípico de outra. Por metáfora, quando o sentido da construção dominante é projetado no sentido da construção dominada por meio de mapeamentos metafóricos entre componentes de ambas. Por subparte, quando uma construção conserva propriedades semânticas de outra, mas apresenta configuração formal e função próprias. Por instanciação, quando uma construção mais simples é utilizada como uma versão mais especificada de outra. Por herança múltipla, quando uma construção herda propriedades de construções distintas. A esses tipos de *links*, Booij (2005) acrescenta a herança *default*, que consiste no fato de uma construção não possuir todas as propriedades do protótipo, mas sua inserção no paradigma ser garantida por alguma característica em comum com o protótipo, num processo de generalização.

3 Breve revisão da literatura sobre o adjetivo

Nesta seção, fazemos uma breve explanação sobre o estudo do adjetivo na literatura especializada. Nesse sentido, apresentamos a abordagem de alguns gramáticos tradicionais e de linguistas a respeito dessa categoria no português brasileiro.¹

Na concepção de Almeida (2009), à classe dos adjetivos, pertencem “todas as palavras que se referem ao substantivo para indicarlhe uma qualidade”. Para o autor, o adjetivo significa toda palavra que modifica a compreensão do substantivo, afetando, quanto à ideia, a substância da coisa. Esse autor também faz menção aos adjetivos explicativos, que designam uma qualidade já inerente ao substantivo, bem como aos adjetivos pátrios, que indicam nacionalidade (pátria, lugar, procedência de alguém/algo). Pelo que vemos, Almeida concentra-se no perfil semântico do adjetivo.

Rocha Lima (2011) apresenta o adjetivo como palavra que expressa qualidade, característica ou modo de ser dos seres. Esse autor esclarece que os adjetivos podem ser classificados, por gênero, em uniformes (como *brilhante*) e biformes (como *belo/a*), os quais acompanham as flexões do substantivo, inclusive no número (singular/plural).

Quanto à formação do adjetivo, para Rocha Lima, pode ser: primitivo, que não procede de outra palavra; derivado, que provém de uma palavra já existente; simples, formado de apenas um elemento lexical; composto, formado de mais de um elemento. Percebemos, assim, que o autor dá especial atenção aos aspectos morfológicos do adjetivo.

Na visão de Bechara (2019), o adjetivo é a classe de lexema que se define por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado. Essa delimitação apresenta distinções de explicação, especialização e especificação.

Os adjetivos explicadores são aqueles que destacam e acentuam uma característica inerente do nome. Como exemplo, Bechara apresenta dois casos: *o vasto oceano* e *as líquidas lágrimas*. No primeiro caso, ser *vasto* acentua ou destaca uma característica inerente do *oceano*, da mesma forma que ser *líquida* é uma das características próprias da *lágrima*.

¹ Por não ser objetivo deste trabalho – nem haver espaço para isso –, não vamos problematizar nem discutir as diferentes visões/perspectivas sobre o adjetivo.

Os adjetivos especializadores podem ser definidos como aqueles que marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o termo determinado, sem que haja necessidade de isolá-lo ou opô-lo a outros determináveis capazes de serem utilizados na mesma denominação. De acordo com Borges Neto (1979), a extensão de uma expressão pode ser definida como a classe que corresponde à própria expressão, enquanto a intensão é a propriedade que lhe corresponde. São os adjetivos especializadores: *a vida inteira, o sol matutino, o homem como sujeito pensante*.

Finalmente, os adjetivos especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado. Como essa classe de adjetivos restringe as referências que não são inerentes aos seres, pode-se afirmar que são características acidentais. Exemplos desse tipo de adjetivos são: *castelo medieval, menino louro, aves aquáticas*. Bechara, portanto, ressalta propriedades semânticas do adjetivo.

Ao abordar a classe do adjetivo, Neves (2000) afirma que este é usado para atribuir uma propriedade singular a uma categoria, uma vez que o mesmo se trata de um conjunto de propriedades denominada por um substantivo. Essas atribuições funcionam de duas formas distintas: qualificando o substantivo ou subcategorizando-o. Nesse sentido, na língua portuguesa, podem ser observados os adjetivos simples e os perifrásticos, ou locuções adjetivas. Como função sintática, os adjetivos podem ser classificados dos seguintes modos: função de adjunto adnominal, função de predicativo, função de argumento, função de aposto e funções próprias de substantivos.

Observando o adjetivo sob um outro aspecto, Castilho (2010) afirma que adjetivo e substantivo compartilham as propriedades de gênero e número. No entanto, passam a ser distintos a partir das seguintes condições:

- a) o adjetivo aceita flexão de grau, expressa por sufixos produtivos ou por terminações que são vestígios do latim, ou por *especificadores e complementadores*;
- b) o adjetivo pode ser criado por derivação de modo, expresso por *-vel*, como *amável* (“o que pode ser amado”), entre outros. O substantivo, por sua vez, não aceita esse sufixo, a não ser quando se deseja transformá-lo em adjetivo;

- c) o adjetivo aceita a derivação por *-mente*, transformando-se em advérbio, como em *fácilmente*, o que não ocorre com o substantivo, salvo quando se deseja adverbializá-lo;
- d) o adjetivo aceita a derivação de quantificação expressa por *-oso* e *-al*, como *estudioso* (*o que estuda muito*), *sensacional* (*o que causa muita sensação*), entre outros, o que não ocorre com os substantivos.

De acordo com Basílio (2011), a classe dos adjetivos pode ser definida pelas seguintes propriedades: semântica, para caracterizar (função denotativa) ou qualificar (função predicativa) os seres designados pelos substantivos; morfológica, pelo fato de concordar com estes em gênero e número; e sintática, por exercerem a função de modificadores do substantivo ou de predicativos do sujeito. Ainda em relação a essa classe, a autora esclarece que, no português, existem algumas formações lexicais próprias do adjetivo, especialmente as derivações pelos sufixos *-vel*, *-oso*, *-ivo* e *-ano*, decorrentes de categorias lexicais diversas.

De um modo geral, tanto gramáticos quanto linguistas, respeitadas as diferenças de abordagem, circunscrevem o estudo do adjetivo a aspectos ora semânticos/sintáticos ora semânticos/morfológicos, sendo ainda poucos os estudos mais voltados para a dimensão discursiva/pragmática, nesses casos, empreendidos por linguistas.

4 O adjetivo na perspectiva da LFCU

Nesta seção, apresentamos primeiramente uma definição para o adjetivo conforme aqui entendido. Em seguida, fazemos uma breve explanação das características dessa categoria em termos formais e funcionais.

4.1 Concepção de adjetivo

Concebemos o adjetivo como uma construção (ou *Construção Adjetiva – CA_{Adj}*) de natureza prototipicamente lexical.² Nessa perspectiva, o adjetivo, em si, constitui um pareamento de forma (fonológica,

² Não se consideram aqui formas adjetivais em função nominal (ex.: *o brasileiro, os pobres*) ou adverbial (ex.: *desce macio, pega leve*); nem em lexias complexas que formam uma unidade de sentido (ex.: *ar-condicionado, pé-frio*) ou em topônimos, títulos e similares (ex.: *Minas Gerais, A Divina Comédia*); tampouco como marcador discursivo (ex.: *certo?, Pronto!*). Também não são levados em conta substantivos atuando como adjetivo (ex.: *carta convite, situação problema*).

morfológica e sintática) e função (semântica, discursiva e pragmática), conforme as propriedades estabelecidas em Croft (2001). Trata-se da categoria lexical convencionalmente utilizada para codificar verbalmente a modificação³ operada sobre um dado conteúdo referencial ou (multi) proposicional (BECK, 2000). A CA_{Adj} compõe com nomes e verbos as três grandes categorias lexicais de caráter universal (HOFHERR, 2010), definindo-se pelos parâmetros expostos a seguir.

- i) No plano fonético-fonológico (ou da expressão), a CA_{Adj} tem delimitação fonêmica, com extensão e tonicidade próprias. Sob essa ótica, constitui-se como uma unidade vocabular individual e independente, seja ela formada por apenas um constituinte vocabular (lexia simples) ou por mais de um (no caso de lexia complexa).
- ii) No plano morfológico, pode ser uma construção primitiva (atômica) ou derivada (esquemática)⁴, flexionando-se, prototipicamente, em gênero e número, em concordância com o termo nominal a que remete (flexão dependente).
- iii) No plano sintático, vincula-se a um nome (substantivo ou equivalente), na condição de adjunto atributivo ou de predicativo (do sujeito ou do objeto); a uma proposição oracional, como modalizador predicativo; ou a um segmento multiproposicional, em função avaliativa, com baixa ou mesmo nenhuma dependência sintática explícita.⁵
- iv) No plano semântico, designa uma característica, uma propriedade, uma subclasse, uma qualidade, um valor, um modo de ser ou um estado atribuído(a) a alguém ou a algo (*i.e.*, um objeto de discurso), de caráter permanente ou provisório, extensivo ou intensivo, alterando, de algum modo, o conteúdo sobre o qual incide.

³ Há modificação não codificada por adjetivo, por exemplo, em casos como *cozinheiro chefe, pessoa sem noção, boneca que fala, Esse menino é fogo*. Assim, o adjetivo insere-se nesse fenômeno mais abrangente.

⁴ Incluímos na derivação os casos de lexia complexa (por composição), posto que derivam de bases formais já disponíveis na língua e passam por certos “ajustes” morfossintáticos: *geopolítico, histórico-culturais*.

⁵ Nessa perspectiva, embora constitua um item lexical livre, a CA_{Adj} é vista como integrante de uma construção mais ampla. Mesmo na condição de marcador discursivo (como em (*É*) *claro/lógico*), não é considerada de todo independente.

- v) No plano discursivo-pragmático, detalha/especifica, realça e/ou avalia um dado conteúdo informacional relativo a algum referente ou a um segmento (multi)proposicional, impondo uma certa perspectiva (focalização) conceitual/identificativa e/ou axiológica/afetiva sobre o objeto de discurso informado, de caráter objetivo ou (inter)subjetivo. Com isso, fornece um dado a mais sobre o conteúdo (referencial/(multi)proposicional) a que remete, com reflexo na construção de sentidos por parte do(s) interlocutor(es).

Cabe esclarecer que a CAdj é, no português, pertencente ao inventário das classes abertas, sendo tomada aqui em um *continuum* categorial que se estende da mais prototípica e menos marcada à que se mostra como menos representativa da categoria e, por isso, +marcada (BECK, 2000)⁶. É assim em razão de essa categoria lexical ser de natureza heterogênea, multifuncional e, a depender do caso, ambígua. Nesse sentido, acompanhando relativamente o que se apresenta em Tucker (1998), será considerada como mais prototípica e menos marcada a CAdj que exhibe as seguintes propriedades:

- i) ser modificadora de um nome ou de um termo equivalente, podendo assumir tanto a função de adjunto adnominal atributivo como a de predicativo (precedido ou não de copulativo);
- ii) ser graduável em termos comparativos ou superlativos;
- iii) ser variável em gênero e/ou em número, concordando com o referente a que se vincula.

4.2 Caracterização geral da construção adjetiva no PB

Neste tópico, procedemos a uma breve explanação da CAdj no PB, considerando mais especificamente os planos morfológico, sintático, semântico e discursivo-pragmático.

⁶ O termo *marcado* relaciona-se à noção de *marcação*, entendida como um *continuum*, a qual se define pelos seguintes parâmetros: complexidade cognitiva, complexidade estrutural, transparência entre forma e função (iconicidade), frequência contextual (ambiente sintático), frequência *token* (ver GIVÓN, 1995; BECK, 2000).

4.2.1 No plano morfológico

Sob a perspectiva morfológica, a CAdj pode ser primitiva (atômica), ou seja, de origem independente, ou derivada, isto é, oriunda de fonte(s) já existente(s) a partir de processos diversos de formação lexical no português (BASÍLIO, 2011). Neste segundo caso, a CAdj pode se formar por meio de acréscimos afixais (prefixo, sufixo ou ambos) a uma base lexical ou pela junção de palavras (composição lexical por justaposição ou aglutinação). Vejamos as ocorrências a seguir.

- (01) Ele abriu *o novo tablete* e colocou sobre os restos da *manteiga velha* que resistiam no fundo da manteigueira [...] (Disponível em: <<http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>>. Acesso: 18 set. 2018).
- (02) [...] não foi com lágrimas de arrependimento que Maria fitou o epitáfio de Emanuel, mas sim com *olhos aquosos de saudade* e *uma profunda paz* em *seu coração renovado*. (Disponível em: <<http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>>. Acesso: 18 set. 2018).
- (03) *As aulas teórico-práticas* foram ministradas pelas alunas de pós-graduação [...] (Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Lisabelle_Rossato/publication/278035861_Preparando_o_aluno_de_PsGraduao_para_o_exercicio_de_docncia_em_Enfermagem_no_cuidado_da_criana_e_da_familia_na_experincia_de_doena/links/557af9fc08ae7442f5d2b8cf.pdf>. Acesso: 24 set. 2018).

Em 01, os construtos *novo* e *velha* são instanciações da construção adjetiva primitiva $[X_{Base}]_{Adj}$ ⁷, pois representam formas que não partem de outras preexistentes. Em 02, *aquosos* instancia a CAdj formada pelo esquema sufixal $[X_{Base} - Suf]_{Adj}$; *profunda* instancia a que se forma pelo esquema prefixal $[Pref - X_{Base}]_{Adj}$; *renovado* instancia a de duplo processo de formação $[Pref - X_{Base} - Suf]_{Adj}$. Em 03, *teórico-práticas* exemplifica um

⁷ Utilizamos aqui formalizações esquemáticas mais simplificadas do que as propostas em Booij (2005).

caso de formação da CAdj pela combinação de duas bases lexicais, ou seja, o esquema $[X_{\text{Base}} + Y_{\text{Base}}]_{\text{Adj}}$.⁸

Em relação à CAdj formada pelo paradigma $[X_{\text{Base}} - \text{Suf}]$, foram identificados no *corpus types* com as derivações sufixais: *-al*, *-ano*, *-ar*, *-ário*, *-do/-to*, *-(d/t)or*, *-eiro*, *-ento*, *-eo*, *-erno*, *-ês*, *-eu*, *-(t)ico*, *-il*, *-inho/a*, *-ino*, *-ista*, *-ivo*, *-nte*, *-ório*, *-oso*, *-uo*, *-vel*.⁹ As principais fontes de formação sufixal da CAdj são os nomes (CAdj denominal) e os verbos (CAdj deverbal). Mas também há, embora mais raras, matrizes adjetivais (*grosseiro*), adverbiais (*hodierno*), preposicionais (*contrário*) e numerais (*único*).

Cabe frisar, quanto a esses processos de formação, que há grande variação nos graus de paradigmaticidade e de produtividade dos *types* que os instanciam. Ou seja, existem formações mais/menos paradigmáticas e mais/menos produtivas, que instanciam formações adjetivais de diferentes bases lexicais. Nesse sentido, há *types* adjetivais formados apenas por uma base lexical específica, como no caso, por exemplo, do derivado em $[X\text{-ar}]$, que se forma somente com base no subesquema $[N\text{-Suf}]$. Já os formados em $X\text{-ento}$ ou em $X\text{-vel}$, admitem mais de uma base: os subesquemas $[N\text{-Suf}]$ ou, mais raramente, $[V\text{-Suf}]$ para o primeiro caso, e $[V\text{-Suf}]$ ou o menos comum $[N\text{-Suf}]$ para o segundo. As formações que instanciam o esquema superordenado $[X\text{-Suf}]$, como $[N\text{-ento}]/[V\text{-ento}]$ ou $[V\text{-vel}]/[N\text{-vel}]$, podem ser consideradas subesquemas, sendo umas mais produtivas do que outras. Por exemplo: o subesquema $[V\text{-vel}]$ é fartamente bem mais produtivo do que o $[N\text{-vel}]$, pois aquele licencia uma quantidade praticamente incontável de microconstruções verbais.

Quanto à composicionalidade das CAdj derivadas, há também gradiência. Parece ser mais composicional a que se forma por $\text{Base} + \text{Base}$, cujos elementos são analisáveis, mantendo seus respectivos

⁸ Embora mais incomuns, existem CAdj oriundas do processo de dupla sufixação ou prefixação: *construtivista* e *centralizado* (dupla sufixação); *irretocável* e *recomposto* (dupla prefixação). Nesses casos, reproduzem-se, pelo processo de recursividade, esquemas de afixação já disponíveis. Vale também observar a formação $\text{Base} + \text{Base}$, em que um dos componentes – ou até ambos – pode vir acrescido de afixo, flexionando-se apenas o segundo elemento (*socioeconômica*, *histórico-culturais*).

⁹ Não foram encontradas no *corpus* ocorrências da CAdj formada pelos sufixos *-engo* (*mulherengo*), *-enho* (*ferrenho*), *-ense* (*forense*), *-est(r)e* (*celeste*, *silvestre*), *-ício* (*vitalício*), *-ita* (*cosmopolita*), *-onho* (*medonho*), *-ouro* (*vindouro*), *-udo* (*carnudo*) e *-urno* (*diurno*).

significados. No caso das formadas por afixação, há graus diversos de composicionalidade (BYBEE, 2010). Instanciações como, por exemplo, *certo*, *incrível* e *calculista*, cujos significados metafóricos não resultam igualmente da soma de suas respectivas partes, são relativamente menos composicionais (ALMEIDA; GONÇALVES, 2005).

A seguir, um quadro resumitivo dos padrões esquemáticos de formação morfológica da CAdj:

Quadro 1 – Padrões esquemáticos de formação morfológica da CAdj.

Base	Base-Suf	Pref-Base	Pref-Base-Suf	Base+Base
<i>velho</i>	<i>teórica</i>	<i>infiel</i>	<i>descomunal</i>	<i>unânime</i>
<i>novo</i>	<i>notável</i>	<i>biforme</i>	<i>extraterrestre</i>	<i>sociocultural</i>

Fonte – Autoria própria.

Em termos quantitativos, o levantamento da CAdj formada por sufixação ($[X_{\text{Base}}\text{-Suf}]$) no *corpus* mostra o resultado exposto na tabela a seguir:

Tabela 1 – *Types* derivacionais da CAdj formada por sufixação.

Terminações sufixais		
-(d/t)o	194	27,2
-al	139	19,5
-ico	117	16,4
-vel	38	5,3
-oso	31	4,3
-ano	28	3,9
-eiro	25	3,5
-ário	22	3,1
-ório	22	3,1
-ar	19	2,7
-nte	19	2,7
-(d/t)or	11	1,5
-ês	8	1,1
-ino	8	1,0
-ivo	8	1,1
-erno	5	0,7
-ento	3	0,4
-eo	3	0,4
-eu	3	0,4
-il	3	0,4
-inho	3	0,4
-ista	3	0,4
-uo	2	0,3
Total	714	88,1

Fonte – Autoria própria.

Esse levantamento demonstra a preferência majoritária de formação da CAdj pela sufixação, haja vista o total de 714 (88,1%) dos 810 casos do *corpus*. Destacam-se nesse levantamento as formações sufixais de participio passado, com 194 casos (27,2%), principalmente pelo sufixo *-do*; em *-al*, com 139 casos (19,5%); e em *-ico*, com 117 casos (16,4%). Esses números apontam a alta produtividade desses *types* na formação de adjetivos no português atual. A título de ilustração dos casos mais produtivos, seguem estas amostras:

(04) Daí o questionamento acerca de ser possível ou não que *o conhecimento transmitido* seja pautado pela neutralidade e pela objetividade, o que, de certa forma, é preconizado nos *reiterados projetos de lei, pulverizados* em diversos parlamentos, em decorrência, dentre outros, do *movimento denominado* “Escola sem Partido”.

(Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/liberdade-de-catedra-e-o-direito-de-aprender-5ztcqk96a8cbfupg76a2zgveu>>. Acesso: 24 set. 2018).

(05) Freud identificou a presença da sexualidade, das estruturas neurótica e psicótica, dos mecanismos de defesa e da perversidade na *dinâmica mental e comportamental* das pessoas de *forma geral*.

(Disponível em: <<http://www.odiarionline.com.br/noticia/57015/A-PENA-QUE-VALE-A-PENA>>. Acesso: 24 set. 2018).

(06) Estudo detecta gene responsável e simula *o desenvolvimento neurológico característico* da síndrome de Williams.

(Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/10/ramificacoes-em-neuronios-podem-causar-hipersociabilidade/>>. Acesso: 19 set. 2018).

Quanto à formação [Pref-X_{Base}] – tal como *profunda* (na amostra 02) –, a tendência predominante é partir de uma matriz adjetival. Mas há casos (raros) em que se utiliza outra base lexical, a exemplo de *imberbe* e *infame*, os quais são de matriz nominal¹⁰. Já a formação [Pref-X_{Base}-Suf], em geral, é proveniente de uma base já adjetivada, conforme se vê com *ultraconcetados*¹¹. Essa construção representa um caso de formação

¹⁰ Como há apenas uma ocorrência dessa formação no *corpus*, esta foi desconsiderada na quantificação dos dados sobre a derivação morfológica dessa construção.

¹¹ Há derivações parassintéticas dessa construção, cujos afixos entram concomitantemente em sua formação. É o que ocorre com *desalmado* e *imbatível*, por exemplo. Sandmann (1994, p. 86) considera casos assim como “salto de etapa”, os quais podem ser incluídos no *link* de herança *default* postulado por Booij (2005, p. 21) quanto à construção [Pref-X_{Base}-Suf]_{Adj}.

por herança múltipla, uma vez que instancia dois esquemas de afixação distintos, quais sejam, o de sufixação e o de prefixação. Dessa formação, foram identificados 5 (ou 0,6% dos) casos. Há também a CADj formada por composição [$X_{Base} + Y_{Base}$], como *cardiovasculares*, que apresenta 7 ocorrências (0,9%) no *corpus*.

A CADj formada por lexemas primitivos (atômicos) respondem por 83 (ou 10,2% dos) casos, o que é uma quantidade bem menor se comparada com as formações derivadas. Tal resultado pode indiciar uma reduzida quantidade de adjetivos primitivos disponíveis no português para designar uma gama variada de conceitos, o que, possivelmente, induz os falantes a recorrerem à formação derivacional (CUNHA; CINTRA, 2017).

Vale observar que o processo de afixação (sufixal, prefixal ou ambos) para a formação da CADj pode ser associado ao subprincípio icônico de quantidade referido em Givón (1985, p. 198), que prevê uma correlação motivada entre mais informação e mais material linguístico para expressá-la. Assim, a CADj derivada, que exhibe acréscimo de afixo(s) a uma base lexical, carrega mais informação que a CADj primitiva. Um exemplo disso é o construto *aquosos*, no excerto 02, que pode ser parafraseado como *que tem/em que há água*.

Considerando ainda aspectos morfológicos da CADj, esta, prototipicamente, pode se flexionar em gênero (feminino) e número (plural). Deve-se assinalar que essas flexões não são de natureza semântica, e sim estritamente gramatical (morfofossintática), posto que tais processos se devem ao estabelecimento da concordância (principalmente a de gênero) com o referente nominal a que a CADj remete. Sendo assim, trata-se de flexões dependentes, impostas pela relação sintática com o substantivo, o sujeito ou o objeto. Entretanto, adjetivos terminados em vogal temática *-e* bem como em *-l*, *-m*, *-r* ou *-z* não permitem concordância de gênero. Os primitivos com terminação em *-s* não admitem flexão de gênero nem de número. No excerto textual que segue, ilustram-se alguns desses casos.

- (07) O incidente ocorre horas após *uma bomba caseira* explodir em New Jersey um pouco antes de milhares de participantes de *uma corrida de rua beneficente* passarem pelo local – sem deixar feridos. Não há indícios de que *os dois episódios estejam relacionados*.

(Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37394876>>. Acesso: 18 set. 2018).

A forma do construto *caseira* no feminino singular ocorre em razão de se associar ao referenciador *bomba*. Do mesmo modo, *relacionados* encontra-se no masculino plural por seu vínculo com *episódios*. Já *beneficente* mantém-se apenas no singular por remeter a *corrida [de rua]*, não se flexionando em gênero por sua terminação em *-e*.

Em vista disso, seguindo o que se encontra em Fried (2015, p. 977), podemos afirmar que existem CAdj plenamente especificadas (idiossincráticas), como, por exemplo, *simples* e *reles*; especificadas e flexíveis, como *lindo* ou *quente*, que podem variar em gênero e/ou em número; parcialmente esquemáticas/especificadas e flexíveis, como *V-vel* ou *ultra-Adj*; totalmente esquemáticas, como *Adj+Adj*.

4.2.2 No plano sintático

Do ponto de vista sintático, a CAdj no PB atual pode assumir funções diversas, seja no plano sintagmático, oracional (proposicional), interoracional ou multiproposicional.

No âmbito sintagmático, a CAdj atua como *modificador atributivo*, na condição de adjunto adnominal (posposto ou anteposto) ao nome referenciador (N_{Ref}) que modifica – CAdj *Atributiva* ($CAdj_{Atr}$). Nessa função, é um sintagma periférico em relação ao núcleo nominal e diretamente integrado a este em graus variados. Em tal condição, posposta ou anteposta, a CAdj assume valores diversos, conforme sua relação com o nome a que se adjunge. A posposição, a anteposição ou a “livre” variação entre uma posição e outra dependem, sobretudo, de propriedades semânticas e/ou discursivo-pragmáticas (SERRA, 2005; GARCIA, 2010). Assim, a posição da $CAdj_{Atr}$ no SN é funcionalmente motivada. Vamos a alguns dados:

(08) Há um *pequeno* botão no canto *inferior esquerdo* do aparelho.

(Disponível em: <<http://www.showmetech.com.br/tutorial-como-trocar-os-modulos-do-lg-g5/>>. Acesso: 18 set. 2018).

Nesse excerto, *pequeno* modifica o N_{Ref} *botão*. Podemos observar que o construto *pequeno* vem anteposto, sem alteração de seu significado básico (*tamanho reduzido*), embora também pudesse ser colocado posposto (posição mais comum para *types* adjetivais como esse). Sendo

assim, representa um caso de variação possível de colocação da CAdj no SN (NEVES, 2000). Contudo, nessa ocorrência, o recurso à anteposição de *pequeno* parece indicar inerência de propriedade do Ref *botão*. Ainda em 08, o construto *inferior* modifica *canto*; *esquerdo* modifica *canto inferior*. Nesses casos, os construtos adjetivais não poderiam ser antepostos, pois se trata de adjetivos responsáveis por, de certo modo, particularizarem o N. Portanto, a motivação para as respectivas posições dessas instâncias da CAdj em 08 parece ser de ordem mais semântica.

Quanto a *canto inferior esquerdo*, é digna de nota a sequenciação de mais de um adjetivo. Nesse caso, a ordenação sintática depende do subprincípio icônico de integração semântica, isto é, quanto mais semanticamente integrados estiverem dois conceitos, mais próximos se posicionam no plano da expressão (GIVÓN, 1985). Assim, quanto mais importante para delimitar o N_{Ref} mais integrada será a CAdj a este e, conseqüentemente, mais próxima. Em contrapartida, quanto menor for o valor restritivo da CAdj para o conteúdo do N_{Ref} mais distante/frouxa é sua colocação em relação a este. No português, a colocação prototípica e não marcada da CAdj para a delimitação/particularização referencial do N é a posposição. No caso em análise, *inferior* e *esquerdo* são restritores de identificação locativa, tendo, cada um, escopos diferenciados.

(09) O LG G5 inovou ao transformar o tão ***sonhado*** *smartphone modular* em realidade.

(Disponível em: <<http://www.showmetech.com.br/tutorial-como-trocar-os-modulos-do-lg-g5/>>. Acesso: 18 set. 2018).

Nessa amostra, o Ref *smartphone* está ladeado pelos construtos adjetivais *sonhado* e *modular*. Em casos como esse, a CAdj de valor mais subjetivo e não restritivo (*sonhado*) vem anteposta, enquanto a que tem função delimitadora (*modular*) vem posposta.

Há também um tipo de CAdj adjuntiva, em geral anteposta ao N, com significado desiderativo e de valor intersubjetivo – [CAdj N_{Ref}]^{Desid} –, utilizada em cumprimentos ou em felicitações. Em alguns casos, o SN_{Desid} de que a CAdj participa é complemento verbal em uma construção mais ampla (uma proposição). Segue um exemplar desse caso:

(10) Esperamos que você aproveite nossas dicas e ***tenha uma boa viagem!***

(Disponível em: <<https://www.beecambio.com.br/blog/tudo-o-que-voce-precisa-saber-para-planejar-uma-viagem-em-2018/>>. Acesso: 25 mar. 2018).

Nessa amostra, o SN *uma boa viagem*, com a CAdj (*boa*) anteposta ao N (*viagem*), tem função desiderativa de valor intersubjetivo e se insere em uma construção maior como complemento do verbo *ter*. Contudo, há esquematicidade em instanciações como ***Feliz Natal!*** ou ***Bons sonhos!***, por exemplo, com certa produtividade microconstrucional.

Observamos, ainda, instanciações da CAdj_{Attr} cuja posição (anteposta ou posposta) parece já fixada pelo uso, formando praticamente uma lexia complexa (BASÍLIO, 2016). São microconstruções com certa composicionalidade/analísabilidade, cujos elementos portam significado individual, porém formam uma espécie de *chunk*, nos termos de Bybee (2010, p. 7-8), isto é, um conjunto de itens linguísticos (sequência morfosintática complexa) convencionalizado, pela frequência de uso, como uma unidade de forma e sentido (uma construção idiossincrática). Exemplos disso são casos como ***legítima defesa, justa causa, foro privilegiado, ser humano***, entre outros.

No âmbito proposicional, a CAdj assume a função de *predicativo* (CAdj_{pred}), que pode ser do sujeito (Pred_{Suj}) ou do objeto (Pred_{Obj}). Em ambas as instanciações, a CAdj tem *status* nuclear (não vinculada diretamente ao SN como constituinte secundário). A diferença é que, como Pred_{Suj}, prototipicamente, a CAdj participa de predicado único/simples, com informação nova e focal após um verbo copulativo (Cop); na condição de Pred_{Obj}, a CAdj constitui um predicado secundário, que pode ser complemento (obrigatório) ou adjunto (acidental), tendo sempre o Cop omitido/implícito (CONTERATTO, 2009). Seguem amostras:

(11) Não achei que ***fui romântico***, mas *o Brasil* passa por um momento tão duro que ***está carente de amor***.

(Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/gregorio-duvivier-fala-sobre-declaracao-polemica-a-clarice-falcao-ela-sabia_a136101/1>. Acesso: 15 out. 2018).

(12) ***Tudo isso nos torna mais sensíveis, mais empáticos e mais humanos*** [...]

(Disponível em: <<https://istoe.com.br/inteligencia-artificial-nos-torna-mais-humanos/>>. Acesso: 18 set. 2018).

Na amostra 11, a CAdj_{pred} instanciada pelos construtos *romântico* e *carente* é Pred_{Suj}. Ambas as instanciações constituem a informação focal, estando precedidas pelas respectivas formas verbais copulativas *fui* (ser)

e *está* (estar). Trata-se da manifestação prototípica dessa construção, mais icônica e menos marcada. Em 12, os construtos *mais sensíveis/mais empáticos/mais humanos* são Pred_{Obj} em relação a *nos*, instanciando *types* da CAdj que, normalmente, são codificados sem Cop. No caso desse Pred, a CAdj é um predicado secundário obrigatório, exigido pelo significado do verbo *tornar*, constituindo a informação principal.

Cabe assinalar que há instanciações da CAdj Pred_{Suj} que ocorrem meio “desgarradas” do Suj que modificam, vindo em posição à esquerda, topicalizada ou intercalada, quase sempre sem Cop. Também há casos da CAdj Pred_{Suj} em predicados secundários (que podem ser complementos ou adjuntos), nos quais o Cop fica sempre implícito. Tanto o Pred_{Suj} como o Pred_{Obj}, Said Ali (2011, p. 127) denomina “anexo predicativo”¹². Vejamos as ocorrências:

- (13) *Preocupados com o emocional de Camila, diretores da TV Globo e da novela “Velho Chico”* pensam em afastar a atriz do trabalho por no mínimo um ano.

(Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/09/camila-pitanga-agradece-apoio-apos-acidente-com-domingos-montagner.html>>. Acesso: 12 out. 2018).

- (14) Eu e Dani estivemos sempre juntos. Ela é minha melhor amiga e o amor da minha vida. Nos amamos e *vamos superar isso juntos e casados*.

Disponível em: <http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/fama/2014/11/07/noticia_fama,152425/nos-amamos-e-vamos-superar-isso-juntos-e-casados-disse-adnet-apos-t.shtml>. Acesso: 18 set. 2018).

Em 13, o construto *preocupados* é Pred_{Suj} em relação a *diretores da TV Globo e da novela “Velho Chico”*, o qual vem em posição topicalizada encabeçando a oração causal. Em 14, *juntos e casados* constituem instâncias de Pred_{Suj} como predicado secundário, com *status* de adjunto, pois não são complementos de *superar*. Conforme já assinalado, Cop encontra-se implícito nessas instanciações da CAdj. Casos assim podem ser considerados, no *continuum* de marcação, como

¹² Desconsideramos aqui os diferentes termos (sub)categorizadores do predicativo. Para um estudo mais detalhado dessa função, ver Conteratto (2009).

sendo +marcados em relação à CAdj_{Pred} prototípica, por sua complexidade estrutural, o que, provavelmente, implica complexidade cognitiva, além de serem de uso mais incomum, em contextos de expressão mais monitorada (GIVÓN, 1995).

No âmbito interoracional, a CAdj também atua como predicativo (de uma oração subjetiva) na condição de modalizador – CAdj_{Mod}. Esta incide avaliativamente sobre o segmento oracional a que vem geralmente anteposta (topicalizada), preferencialmente antecedida por um Cop. Desse modo, a CAdj forma com esse verbo um padrão esquemático do tipo [Cop Adj]_{Mod}, precedendo a proposição focal (com informação nova) que modifica/ avalia (CORBARI; SELLA, 2007). Eis uma amostra:

- (15) [...] *é importante não confundir com a versão do Android.*
(Disponível em: <<http://canaltech.com.br/tutorial/software/desative-apps-em-segundo-plano-para-deixar-o-windows-ou-o-android-mais-rapidos/>>. Acesso: 18 set. 2018).

O construto *é importante* nessa amostra é uma instância de uso da CAdj_{Mod} predicando uma avaliação sobre a informação *não confundir com a versão do Android*. Assim, diferentemente da CAdj_{Pred} prototípica, que constitui uma informação nova/focal quanto a um Ref_{Suj}, a CAdj_{Mod}, posicionada à esquerda, serve a propósitos pragmáticos/ intersubjetivos, no sentido de focalizar a informação por ela escopada sob uma determinada ótica avaliativa.

Há, porém, outro tipo de construção predicativa modalizadora de que a CAdj participa cujo formato é [Pro_{Dem} Adj_{Pred} Cop]_{Mod}. Nesse caso, sua identidade adjetival não é reconhecida à primeira vista pelo fato de poder ser confundida com um SN. Vejamos a seguir amostras disso:

- (16) O Touro é muito egoísta. Só consegue ver as coisas sob o seu ponto de vista. E pronto! Ele está certo, sua opinião tem mais peso. E **o pior** é que não costumam mudar de ideia. **O bom do touro** é que ele sempre tem um ‘dinheirinho’. Sempre.
(Disponível em: <<https://100freskura.wordpress.com/2010/08/17/o-lado-mau-dos-signos/>>. Acesso: 31 mar. 2018).

A construção em tela nessas amostras instancia-se pelos construtos *O pior é* e *O bom do touro é*, em que a CAdj predicativa funciona como modalizador avaliativo da informação que a segue, nesses casos, *que não costumam mudar de ideia* e *que ele sempre tem*

um ‘*dinheirinho*’, respectivamente. Nessa construção, pode-se inferir uma relativa pseudoclivada implícita (*O [que é] pior / O [que é] bom do touro*), tal como se vê em Mikołajczak (2003, p. 190), sendo a forma sem a relativa (Dem Adj) uma espécie de subparte da mais desenvolvida.

Também pode ser considerada Pred a CAdj que ocorre na construção de predicado secundário cujo esquema é [V Prep CAdj_{Pred}]. Nessa construção, o Cop fica implícito no SP que contém a CAdj. Vejamos a seguinte amostra:

- (17) Para sobreviver ao ataque à boate Pulse, em Orlando, Ángel Colón usou uma estratégia conhecida: ficou no chão e se fingiu de **morto**.

(Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36538968>>. Acesso: 31 mar. 2019).

Nessa amostra, *se fingiu de morto* poderia ser parafraseado mais ou menos como *ele fingiu estar morto*, o que revela a função predicativa da CAdj no SP (*de morto*) e seu estatuto de predicativo secundário. Esses usos da CAdj_{Pred} com o Cop “omitido”/implícito parecem representar casos de relação de herança por subparte (GOLDBERG, 1995), em que uma construção mantém propriedade de outra, mas apresenta forma e função particulares.

Em vista desses diferentes usos e configurações sintáticas da CAdj_{Pred}, é lícito considerá-la em termos gradientes, formando um *continuum*, que vai da manifestação mais prototípica, mais icônica e menos marcada – também mais facilmente reconhecível – às mais complexas e incomuns.

Ainda em relação à função sintática da CAdj, vale observar que há instanciações dessa construção que só podem ser utilizadas em um contexto sintagmático específico. É o caso de *mero*, por exemplo, que só ocorre como adjunto adnominal anteposto ao N_{Ref}; também o de termos técnicos (como *vascular*, *térmico*, *intravenoso* e similares), os quais só podem ser atributos adjuntos pospostos a N.

Também existem CAdj que alteram seu significado a depender de sua condição sintática, isto é, se adjuntiva ou se predicativa. Pode ilustrar isso o adjetivo *preciso*, o qual, sendo adjunto, significa *exato/certeiro* e se flexiona conforme o N a que se adjunge; sendo predicativo, é um modalizador deôntico invariável que significa *necessário*.

Considerando ainda a condição sintática da CAdj, cabe mencionar que, dependendo da construção mais abrangente a que se integra – no sintagma, na oração ou no período composto –, ela apresenta graus de vinculação, de dependência e de *status* sintático na relação com o constituinte sobre o qual incide. Sendo assim, como adjunto nominal, a CAdj é mais integrada, com vínculo mais direto e, por isso, mais dependente e periférica no SN; como predicativa, seu vínculo com o Suj é indireto/mediatizado, sendo nuclear e menos dependente em relação e este.

Outro ponto a ser destacado é o grau de produtividade da CAdj, tanto em função atributiva quanto predicativa. Quanto a isso, o esquema com CAdj pós-nuclear [N_{Ref} CAdj $_{\text{Attr}}$], mais comum e menos marcado no PB atual, tende a ser mais produtivo, com um naipe maior de microconstruções, em razão de poder atrair uma ampla variedade de adjetivos (SERRA, 2005; SILVA, 2008). Do mesmo modo, a CAdj Pred $_{\text{Suj}}$ participante do esquema oracional [Suj V $_{\text{Cop}}$ CAdj $_{\text{Pred}}$], pelo fato de permitir maior diversidade de verbos Cop bem como ser a estrutura predicativa mais simples e menos marcada, se comparada com a Pred $_{\text{Obj}}$ ou mesmo com outras instanciações mais complexas da Pred $_{\text{Suj}}$, está mais aberta para abrigar muitas outras microconstruções.

No âmbito multiproposicional, a CAdj atua como termo avaliativo de um segmento textual antecedente ou posterior. Assim, está de algum modo e em certo grau envolvida na cadeia coesiva do discurso. Contudo, por sua independência do ponto de vista formal, essa construção constitui uma espécie de “ilha” sintática. Nessa função, é denominada aqui como *construção adjetiva discursiva* (CAdj $_{\text{Disc}}$). Isso pode ser conferido na seguinte ocorrência:

- (18) [...] ele sabe... que vocês têm uma pérola dentro...
oh:... *que emocionante*... (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 75).

Nessa ocorrência, o construto *emocionante* instancia uma espécie de CAdj que não se encaixa em nenhum padrão sintático visto anteriormente. Embora ela “predique” uma avaliação subjetiva a um conteúdo (no caso, a informação anterior *ele sabe que vocês têm uma pérola dentro*), tem padrão esquemático próprio [Que Adj], distinto das outras formas de CAdj $_{\text{Pred}}$, cujos componentes formam um todo não composicional. Por meio dessa construção, atribui-se um juízo de valor, o qual pode ser parafraseado, grosso modo, nos seguintes termos: *Como isso é Adj!*, ou *Isso é (deveras) Adj*.

No quadro a seguir, explicitamos as configurações sintáticas mais comuns no PB atual das quais a CAdj participa.

Quadro 2 – Configuração formal dos ambientes sintáticos da CAdj no PB contemporâneo.

Escopo sintático/ textual/discursivo	Configuração do padrão construcional	Exemplares
Contexto sintagmático (Função atributiva no SN) ¹³	[N _{Ref} CAdj _{Atr}]	<i>com energia elétrica</i>
	[CAdj _{Atr} N _{Ref}]	<i>seu fiel seguidor</i>
	[N _{Ref} CAdj _{Atr} CAdj _{Atr}]	<i>o córtex cerebral humano</i>
	[CAdj _{Atr} N _{Ref} CAdj _{Atr}]	<i>de fácil integração social</i>
	[X CAdj _{Atr/Pred} SP _{Comp}]	<i>um cenário propício à sedução</i>
	[(V) CAdj _{Av} N _{Ref}] _{Desid}	<i>Boa sorte!</i>
Contexto (inter)oracional (Função predicativa/ modalizadora na CPred)	[Suj Cop CAdj _{Pred}]	<i>Essa experiência foi muito satisfatória¹⁴</i>
	[Suj V CAdj _{Pred}]	<i>Os alunos mostraram-se bastante desenvoltos</i>
	[V Obj CAdj _{Pred}]	<i>deixando ainda o lanche bem saboroso</i>
	[Cop CAdj _{Pred} (que) Or]	<i>É preciso que bem se faça a diferenciação</i>
	[Pro _{Dem} CAdj _{Pred} Cop] _{Mod}	<i>O pior é que...</i>
	[CAdj _{Pred} Suj] _{Pred}	<i>Maravilhosa a vista daqui.</i>
	[[CAdj _{Pred}] [Or]]	<i>Carioca, Peninha morou em pontos diversos</i>
	[V Obj Prep CAdj _{Pred}]	<i>se fez de bobo diante deles</i>
Contexto multiproposicional (Função avaliativa no discurso)	[(Que) CAdj _{Av}]	<i>olhe esse negócio aqui... que lindo!</i>
	[(Cop) CAdj _{Av}]	<i>É um escândalo atrás do outro. Terrível!</i>

Fonte – Autoria própria.

¹³ Registramos, ainda, formações sintáticas com CAdj, não encontradas nos *corpus*, as quais se caracterizam pelos esquemas [CAdj de Adj/N]_{Intens} (*morto de cansado*) e [CAdj (Pro_{Tral}) N_{Ref}]_{Voc} (*Meritíssimo (Senhor) Juiz*).

¹⁴ A CAdj pode vir acompanhada por um (ou mais) elemento intensificador, que pode ser um advérbio intensivo e/ou um afixo com essa função.

Em termos quantitativos, no levantamento feito, mostrou-se mais recorrente a $CA_{Adj_{Atr}}$, com 640 ocorrências (79%), sendo predominante a posição pós-nominal, que corresponde a quase 60% das ocorrências na função atributiva. Esses resultados confirmam, em certa medida, o subprincípio icônico de integração semântica e os subprincípios de marcação relativos à complexidade estrutural e cognitiva: por designar um atributo diretamente relacionado (adjunto) ao N_{Ref} e ter aceção mais objetiva, a $CA_{Adj_{Atr}}$ encontra-se semântica e formalmente mais vinculada a ele (em ambiente sintático prototípico), exibindo estrutura formal mais simples/menos complexa e, por isso, mais facilmente processada em termos cognitivos; daí ser menos marcada e tendente a maior frequência. A $CA_{Adj_{Pred}}$, por sua vez, exibe apenas 21% dos dados. Porém, se comparada com a $CA_{Adj_{Atr}}$ anteposta, identifica-se frequência pendular entre elas nos gêneros. Em relação a esse levantamento sobre a CA_{Adj} , Bertoldi e Chishman (2006) chegaram a resultados relativamente semelhantes. Segue a tabela com os dados quantitativos (absolutos e percentuais) das funções sintáticas da CA_{Adj} no *corpus*.

Tabela 2 – Dados da CA_{Adj} quanto às funções sintáticas no *corpus*.

Gênero discursivo	$CA_{Adj_{Atr}}$		$CA_{Adj_{Pred}}$	Totais Q (%)
	Posposta	Anteposta		
Artigo divulg. científica	71	26	14	111 (13,7)
Artigo de opinião	65	15	10	90 (11,1)
Relato de experiência	57	10	17	84 (10,4)
Resenha crítica	43	19	17	79 (9,8)
Guia de viagens	44	14	18	76 (9,4)
Miniconto	32	17	24	73 (9,0)
Entrevista	56	7	7	70 (8,6)
Tutorial	30	11	16	57 (7,0)
Receita culinária	32	9	15	56 (6,9)
Notícia	22	9	15	46 (5,7)
Coluna social	20	14	7	41 (5,1)
Conversa espontânea	12	5	10	27 (3,3)
Totais Q (%)	484 (59,7)	156 (19,3)	170 (21,0)	810 (100)

Fonte – Autoria própria.

4.2.3 No plano semântico¹⁵

Borba (1996), Neves (2000) e Castilho (2010), em suas gramáticas, dividem a classe dos adjetivos em duas categorias semânticas, a saber: a dos classificadores e a dos qualificadores. A primeira diz respeito ao adjetivo que restringe o significado do substantivo por ele modificado; a segunda se refere ao adjetivo que atribui ao substantivo uma propriedade de caráter acidental, não delimitando seu significado. Borba (2006) associa essas categorias às funções atributiva (para os classificadores) e predicativa (para os qualificadores).

Diferenciando-nos um pouco dessa classificação, distribuimos aqui a CAdj em três categorias, seguindo, em parte, o que se encontra em Pria (2004, p. 50): (1) *classificadora*, que atua como delimitadora do conteúdo referencial, ou seja, recorta conceitualmente o nome referenciador, situando-o em uma dada “subcategoria” específica; (2) *determinativa*, que identifica o referente em relação a uma quantidade indefinida ou a uma situação (local ou temporal); e (3) *qualificadora*, a qual, por um lado, pode indicar propriedades, características, atributos aspectuais do elemento referenciador a que se associa ou, por outro, expressar valores apreciativos/axiológicos (de caráter subjetivo) a respeito deles. Essa categorização relaciona-se fortemente à natureza extensional ou intensional do adjetivo (BORGES NETO, 1985), questão que não é discutida aqui.

Propomos dividir cada uma dessas categorias em duas subcategorias distintas, as quais são explicitadas a seguir.

(1) CAdj classificadora

(1.1) *Especificativa*: restringe/delimita o conteúdo referencial, identificando-o com uma subclasse referencial. Nessa função, a CAdj é sempre adjunta (CAdj_{Atr}) e posposta ao N_{Ref}. Outra propriedade dessa subcategoria da CAdj é que ela recusa gradação/intensificação e não pode atuar como Pred. A seguir, uma amostra:

¹⁵ Dada a variedade de propostas (não consensuais) sobre a natureza semântica/semântico-sintática dos adjetivos nas diversas abordagens sobre o tema, não vamos nos ater aqui a esse respeito. Selecionamos apenas as que se aproximam do nosso objetivo neste estudo.

- (19) [...] o desenvolvimento **neurológico** característico da Síndrome de Willians.
(Disponível em: < http://revista_pesquisa.fapesp.br/2016/08/10/ramificacoes-em-neuronios-podem-causar-hiperssociabilidade/>. Acesso: 15 set. 2018).

Nessa amostra, o adjetivo *neurológico* especifica o referenciador *desenvolvimento*. A presença desse construto da CAdj opera uma delimitação/restrição no conteúdo referencial que modifica, atribuindo-lhe maior especificidade. Nesse sentido, tal construção modificadora situa o referenciador em uma subcategoria conceitual. Significa que, sem esse componente recortador, o conteúdo referencial de *desenvolvimento* ficaria genérico e impreciso nesse contexto. Portanto, esse tipo de CAdj confere especificidade ao referenciador, tornando-o conceitualmente mais restrito e reconhecível como instância de uma classe mais geral (PRIA, 2004).

- (1.2) *Circunstanciadora*: formada por adjetivos deverbais (mais ou menos equivalentes a uma oração relativa), circunscreve o conteúdo referencial a uma ação/situação específica/eventual. Nessa função, a CAdj vem preferencialmente posposta ao N_{Ref} (salvo haver alguma motivação pragmática) e pode, dependendo do quadro conceitual relativo ao Suj ou ao Obj, ser Pred.

- (20) No caso do protótipo do *veículo apresentado*, a máquina quebra as moléculas de um hidrocarboneto, o etanol, e utiliza o *hidrogênio e oxigênio liberados*¹⁶ na reação química para gerar eletricidade.
(Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/05/apresentado-prototipo-de-carro-movido-a-etanol-e-celula-a-combustivel/http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/05/apresentado-prototipo-de-carro-movido-a-etanol-e-celula-a-combustivel/>>. Acesso: 15 set. 2018).

Nesse excerto textual, o construto *apresentado* restringe o N_{Ref} *veículo*; *liberados*, por sua vez, restringe *hidrogênio e oxigênio*. Ambas

¹⁶ Acompanhando o entendimento em Lira (2018, consideramos adjetivos esses casos participiais.

as ocorrências da CAdj circunstanciadora pode(ria)m ser facilmente substituídas pelas orações relativas (adjetivas) restritivas *que foi apresentado* e *que foram liberados*, respectivamente.

Cabe assinalar que a diferença entre essa CAdj e a anterior (*especificativa*) é que o recorte conceitual operado por esta denota propriedade permanente, colocando o N_{Ref} em uma subclasse; no caso da *circunstanciadora*, a restrição parece ser mais eventual e não resultar na criação de uma subclasse referencial, ou seja, um Ref mais específico. Outra observação é que nem toda CAdj deverbal deve ser classificada como circunstanciadora, pois há casos em que ela pertence a outra(s) subcategoria(s) semântica(s).

(2) CAdj determinativa

(2.1) *Quantitativa*: denota ideia de quantidade (precisa ou não) atribuída ao N_{Ref} . Essa subcategoria da CAdj vem preferencialmente anteposta no SN e pode, em certos casos, atuar com $Pred_{Suj}$. Apresentamos uma ocorrência exemplificativa:

(21) Explosão deixa ***diversos feridos*** em Nova York.

(Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37394878>>. Acesso: 12 out. 2018).

Nessa amostra, o construto *diversos* quantifica indefinidamente o referenciador *feridos*. Nesse sentido, instancia a CAdj quantitativa, exprimindo quantidade imprecisa. Exemplificam, ainda, essa subcategoria adjetivos como *vários*, *inúmeros*, *incontáveis*.

(2.2) *Situadora*¹⁷: indica a localização do N_{Ref} em um dado espaço ou tempo, sendo de caráter exofórico (dêitico) ou endofórico (sinalizador anafórico ou catafórico). A posição mais comum dessa subcategoria da CAdj é anteposta ao N, mas há casos em que é colocada posposta no SN. Outra particularidade é que essa construção não atua como $Pred$, a não ser em casos nos quais passa a substantivo. Segue um exemplar:

¹⁷ Distinguimos aqui essa subcategoria da que Müller, Negrão e Nunes-Pemberton (2003, p. 342) denominam sob o rótulo geral de *quantificadores*.

(22) “*Nossa derradeira viagem* de gravações aqui de ‘Velho Chico’”.

(Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/09/camila-pitanga-agradece-apoio-apos-acidente-com-domingos-montagner.html>>. Acesso: 12 out. 2018).

Nessa amostra, *derradeira* indica a posição do referenciador *viagem*, situando-o em uma dada sequência de outras viagens anteriores. São, também, exemplares dessa subclasse os adjetivos *seguinte*, *anterior*, *supracitado*, *último* e similares.

(3) CAdj qualificadora

(3.1) *Descritiva*: atribui características ou propriedades ao N_{Ref} (inerentes ou acidentais), apresentando um modo de ser/estar deste. Dessa maneira, associa-se a aspectos relativamente mais “observáveis” do N/Suj/Obj a que se refere.¹⁸ Essa subcategoria da CAdj posiciona-se, em geral, posposta no SN, mas, por alguma motivação discursivo-pragmática, pode vir anteposta. Essa construção pode, ainda, exercer a função de Pred_{Suj} ou Pred_{Obj}. Vejamos amostras disso.

(23) Leve ao forno e finalize com calda de *açúcar queimado e coco ralado* por cima.

(Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/09/comerciante-ensina-como-preparar-receita-de-rosca-de-batata-veja-video.html>>. Acesso: 13 out 2018).

Nesse recorte textual, as ocorrências *queimado*, relacionado a *açúcar*, e *ralado*, que modifica *coco*, são construtos representativos da CAdj descritiva, denotando aspectos físicos dos respectivos referenciadores a que se vinculam. Trata-se, em ambos os casos, de atributos que podem ser aferidos mais objetivamente. Assinalamos, ainda, o fato de esses construtos representarem instâncias da CAdj deverbal e não pertencerem à subclasse *circunstanciadora*.

¹⁸ Incluímos nessa subcategoria da CAdj instâncias de conteúdo comparativo, representadas por *types* como *igual*, *similar*, *diferente*, entre outros, pelo fato de pressuporem o cotejo mais objetivo entre aspectos/situações.

(3.2) *Avaliativa*: exprime atributos mais (inter)subjativos, relacionados ao julgamento (*i.e.*, à atribuição de valor) por parte do falante/escrevente feito ao N/Suj. Essa CAdj parece ser a mais representativa/prototípica da classe dos adjetivos, visto poder ser instanciada, em sua maioria, por *types* em função atributiva (quase sempre antepostos no SN) ou predicativa (do Suj ou do Obj). Eis uma ocorrência ilustrativa:

(24) **Maldito preconceito** que cria raízes profundas, inclusive na alma dos segregados!
(Disponível em: <<http://minicontos.blogspot.com.br/>>. Acesso: 18 set. 2018).

Nessa amostra, *maldito* avalia subjetivamente o N_{Ref} *preconceito*. Assim, por meio dele, o locutor expressa um juízo de valor (negativo) atribuído ao conteúdo nominal.

Incluimos também nessa subcategoria construcional adjetivos *modalizadores* em geral e *intensificadores*, uma vez que denotam igualmente uma avaliação de caráter abstrato e (inter)subjetivo ao conteúdo a que remetem. O primeiro caso instancia-se por *types* adjetivais como em *medida necessária e provável suspeito*; o segundo, por *types* como em *susto danado* e na *maior alegria*.

Quanto à tipologia semântica da CAdj no PB atual, cabe assinalar que (i) é preciso tomá-la em um *continuum* categorial, o que significa dizer que um dado adjetivo pode transitar entre uma categoria ou outra, a depender da função a que serve; (ii) é dependente do uso, no sentido de que o adjetivo não deve ser definido/classificado abstraindo-o do contexto discursivo, a não ser em casos muito específicos.

Dado que essas (sub)divisões da CAdj não são discretas, admitimos haver casos fronteiraços ou mesmo mesclados, em que a identidade dessa construção se mostra opaca e/ou ambígua, o que torna sua classificação bastante imprecisa. No quadro a seguir, sintetizamos a (sub)categorização semântica aqui proposta para a CAdj.

Quadro 3 – (Sub)Categorização semântica da CAdj.

Classificadora	Especificativa	<i>veículo elétrico</i>
	Circunstanciadora	<i>preços praticados</i>
Determinativa	Situadora	<i>últimas cenas</i>
	Quantitativa	<i>diversos parlamentos</i>
Qualificadora	Descritiva	<i>paisagem seca</i>
	Avaliativa	<i>recursos imperdíveis</i>

Fonte – Autoria própria.

Cabe assinalar que há CAdj em posição atributiva que, dependendo da colocação no SN, pode não apenas mudar de categoria mas também ter outro significado, alterando a interpretação do SN como um todo. Há, ainda, o fato de certas CAdj terem seu significado mais abstratizado quando antepostas ao N_{Ref} se comparadas com sua ocorrência pós-nominal (SILVA, 2008, p. 138). Atentemos para estas amostras:

(25) Agora, quando for beber com os amigos, você pode consultar o app para ir ao *local certo*.

(Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/09/como-achar-cerveja-mais-barata-do-seu-bairro-com-app-litrao-go.html>>. Acesso: 18 set. 2018).

(26) Admitir que se estabeleça, em sala de aula, *certa militância política ou partidária*, divulgando-se uma única forma de pensar, sugere um desvio de finalidade da proposta educacional.

(Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/liberdade-de-catedra-e-o-direito-de-aprender-5ztcqk96a8cbfupg76a2zgveu>>. Acesso: 24 set. 2018).

(27) A maioria dos vidros das janelas de *um prédio próximo* foram destruídas [...]

(Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37394876>>. Acesso: 18 set. 2018).

(28) Um estudo da Universidade de Oxford sobre qual a chance de as atividades profissionais serem automatizadas nos *próximos 20 anos* mostra que os índices ainda serão muito baixos.

(Disponível em: <<https://istoe.com.br/inteligencia-artificial-nos-torna-mais-humanos/>>. Acesso: 20 set. 2018).

Em 25, o construto *certo* após o N *local* significa *correto/exato*, levando a interpretar o Ref como algo *precisamente determinado e identificável*. Em 26, *certa* antes de *militância política ou partidária* conduz a um significado quase oposto ao de 23, ou seja, de algo *relativo/indeterminado*. Em 27, o construto *próximo* posposto a *prédio* tem acepção mais “concreta”, exprimindo *vizinhança espacial/física*. Em 28, *próximos* anteposto a *20 anos* designa “*proximidade*” *temporal*, o que indica um significado mais abstratizado/metafórico de tempo em termos de espaço.

Em casos como este último, segundo Traugott e Dasher (2002), ocorre projeção/ mapeamento de um domínio conceitual (fonte, de base mais concreta/objetiva) em outro (alvo, de acepção mais abstrata/subjetiva). Contudo, isso parece ser uma propriedade não do adjetivo em si, mas da construção SN com CAdj pré-nuclear. Ou seja, nessas instâncias de herança por polissemia/metáfora, resultantes de pressões discursivas operadas via processos semântico-cognitivos, o pareamento forma-função do SN constitui um fator decisivo para a colocação da CAdj de valor abstrato/subjetivo à esquerda.

A seguir, apresentamos uma tabela com os quantitativos (absolutos e percentuais) de ocorrências da CAdj no *corpus* considerando a relação entre as (sub)categorias semânticas e os gêneros discursivos selecionados.

Tabela 3 – Categorias semânticas da CAdj conforme o gênero discursivo em que ocorrem.

Gêneros	Classificadora		Determinativa		Qualificadora		Totais Q(%)
	Especificativa	Circunstanciadora	Situadora	Quantitativa	Descritiva	Avaliativa	
Artigo de opinião	66 (8,1)	9 (1,1)	-	3 (0,4)	8 (1,0)	25 (3,1)	111 (13,7)
Artigo divulg. científica	43 (5,3)	21 (2,6)	2 (0,2)	2 (0,2)	13 (1,6)	9 (1,1)	90 (11,1)
Relato de experiência	37 (4,6)	15 (1,9)	5 (0,6)	3 (0,3)	16 (2,0)	8 (1,0)	84 (10,4)
Resenha crítica	18 (2,2)	11 (1,4)	9 (1,1)	2 (0,2)	22 (2,7)	17 (2,1)	79 (9,8)
Guia de viagens	35 (4,3)	9 (1,1)	4 (0,5)	-	16 (2,0)	12 (1,5)	76 (9,4)
Miniconto	3 (0,3)	2 (0,2)	-	-	56 (6,9)	12 (1,5)	73 (9,0)
Entrevista	30 (3,7)	7 (0,9)	6 (0,7)	-	15 (1,9)	12 (1,5)	70 (8,6)
Tutorial	3 (0,3)	7 (0,9)	17 (2,1)	-	15 (1,9)	15 (1,9)	57 (7,0)
Receita culinária	4 (0,5)	2 (0,2)	3 (0,3)	-	32 (4,0)	15 (1,9)	56 (6,9)
Notícia	10 (1,2)	6 (0,7)	9 (1,1)	-	11 (1,4)	10 (1,2)	46 (5,7)
Coluna social	4 (0,5)	8 (1,0)	3 (0,4)	1 (0,1)	18 (2,2)	7 (0,9)	41 (5,1)
Conversa espontânea	5 (0,6)	3 (0,3)	-	1 (0,1)	6 (0,7)	12 (1,5)	27 (3,3)
Totais Q(%)	258 (31,9)	100 (12,3)	58 (7,2)	12 (1,5)	228 (28,1)	154 (19,0)	810 (100)

Fonte – Autoria própria.

Pelo que podemos ver nessa tabela, quantitativamente, a CAdj de maior frequência é a *classificadora*, com destaque para a subclasse dos adjetivos *especificativos*, que responde por quase 32% dos casos. Esse resultado é compatível com o que se apresenta em relação à CAdj_{Atr} posposta ao N, que se revela bastante recorrente, conforme já apontado anteriormente. Tal resultado se explica no fato de a maioria dos referentes mencionados serem informações novas, havendo, assim, a necessidade de serem conceitualmente mais recortados ou particularizados com alguma propriedade atributiva, a fim de serem identificados pelo interlocutor. Daí por que outra subclasse que se mostra relativamente frequente é a dos adjetivos *descritivos* (28,1%). Estes, embora não colaborem propriamente para o recorte conceitual do referente, podem, também, em alguma medida, contribuir na particularização do referente, que é apresentado como possuidor de determinada característica/propriedade mais acidental. No que se refere à CAdj *quantitativa*, já era de se esperar sua baixa frequência

(apenas 1,5%), uma vez que essa subcategoria possui quantidade reduzida de *types* adjetivais, com uso muito pontual e específico.

Quanto a usos da CAdj mais particularmente em relação a gênero(s) discursivo(s) específico(s), pode ser visto na Tabela 3 que, no *artigo de opinião*, o da CAdj *especificativa* chega a quase 60% do total de adjetivos nesse gênero. Tal resultado não estava previsto nesse caso, diferindo do que foi identificado por Oliveira (2021), em que a predominância foi de adjetivos avaliativos em se tratando de gêneros argumentativos (como é o artigo de opinião). Porém, no caso do *artigo de divulgação científica* (quase 50% do total nesse gênero), o resultado é relativamente compatível com o que se encontra em Finatto e Huang (2005), uma vez que tal gênero requer maior precisão conceitual/terminológica, o que motiva o recurso a adjetivos de especificação referencial. Os gêneros *miniconto* e *receita culinária* apresentam incidência significativa da CAdj *descritiva*: mais de 70% no primeiro e mais de 60% no segundo. Esse resultado se explica pelo fato de, nesses gêneros, ser bastante comum – e necessário – o recurso à apresentação de características/modo de ser de pessoas, objetos, lugares e situações, o que requer, em muitos casos, o uso de adjetivos aspectuais. Porém, causou surpresa não haver quantidade majoritária dessa subcategoria de adjetivos no gênero *guia de viagens*, que é um gênero no qual se espera o recurso à descrição de lugares.

Uma curiosidade ainda com respeito ao gênero discursivo é que se esperava que o *artigo de opinião* e a *resenha crítica* exibissem alta frequência da CAdj *avaliativa*, posto que esses gêneros centram-se, basicamente, na manifestação de pontos de vista e na apreciação valorativa de fatos, situações ou ideias (OLIVEIRA, 2021). Mas, pelo que apresentam os resultados, isso não se confirmou. Entretanto, no caso de *conversa espontânea*, os adjetivos avaliativos chegam a mais de 40% das CAdj nesse gênero. Tal resultado é coerente com a ideia de que, nessa situação, os falantes se mostram mais à vontade, deixando espaço para a expressão da subjetividade.

De um modo geral, esses resultados parecem apontar para a relativa correspondência entre o gênero discursivo e o recurso menos/mais frequente a certa(s) subcategoria(s) da CAdj que colabora(m) na construção temático-discursiva do gênero. Essa ideia encontra respaldo em trabalhos como os de Ribeiro e Borstel (2010) e Silva, Oliveira e Oliveira (2013).

4.2.4 No plano discursivo-pragmático

De um modo geral, seja como modificador adjunto (CA_{Adj_{Atr}}) ou predicativo (CA_{Adj_{Pred}}), a CA_{Adj} *fornece informação adicional*; daí sua importância discursiva do ponto de vista informativo. No caso da modificação adjunta no SN, a CA_{Adj_{Atr}} agrega um dado ao conteúdo referencial a que se adjunge por apresentar um detalhe a mais (inerente ou acidental) sobre ele, alterando seu significado e o tornando singular/mais marcado se comparado ao SN sem modificação. Em se tratando da modificação predicativa, a CA_{Adj_{Pred}} introduz uma propriedade ou característica atribuída ao Suj/Obj, que pode ser demarcada temporalmente (se permanente ou acidental) pelo Cop, expandindo a carga informacional quanto ao termo a que remete. O mesmo se dá em relação à modificação oracional realizada pela CA_{Adj_{Mod}}: esta projeta uma avaliação sobre o conteúdo proposicional que está sob seu escopo e, desse modo, enriquece a informação quantitativa e qualitativamente. Vejamos as seguintes amostras:

(29) Para as alunas, *essa experiência foi muito satisfatória e extremamente importante*, à medida que lhes possibilitou obter *um panorama geral* da condução do *ensino superior brasileiro* [...]

(Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Lisabelle_Rossato/publication/278035861_Preparando_o_aluno_de_PsGraduao_para_o_exercicio_de_docncia_em_Enfermagem_no_cuidado_da_criana_e_da_familia_na_experincia_de_doena/links/557af9fc08ae7442f5d2b8cf.pdf>. Acesso: 24 set. 2018).

Nessa amostra, podemos ver que a participação da CA_{Adj} adiciona alguma informação – em termos semânticos e/ou pragmáticos, conforme Tomasello (1998) – ao conteúdo referencial a que se vincula: *muito satisfatória e extremamente importante* predicam uma avaliação feita sobre *essa experiência*; *geral* reforça a ideia de *um panorama*; *superior* delimita conceitualmente *o ensino*, enquanto *brasileiro* delimita *o ensino superior*.

Uma das funções da CA_{Adj} no plano discursivo-pragmático tem a ver com a *identificabilidade referencial*. Nesse sentido, a CA_{Adj_{Atr}}, em particular, funciona como uma espécie de “lente de aumento” por meio da qual o locutor fornece um “zoom” do Ref ao seu ouvinte/

leitor. Com isso, este consegue identificar o conteúdo referencial com mais precisão e/ou percebê-lo sob um ângulo com mais detalhe. Esse fenômeno está diretamente vinculado ao domínio semântico-cognitivo da subcategorização/particularização conceitual, que diz respeito ao grau de especificação/identificação do Ref. Em sendo assim, a CA_{Adj}^{Atr} é um componente indispensável no SN para o reconhecimento/distinção da categoria referencial mencionada. Ilustramos esse fenômeno com as amostras que seguem neste recorte textual:

(30) Agora conseguiu-se, com *novos materiais cerâmicos*, reduzir a *temperaturas adequadas* para acomodar as células em veículos.

(Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/05/apresentado-prototipo-de-carro-movido-a-etanol-e-celula-a-combustivel/>>. Acesso: 19 set. 2018).

Nesse excerto, o construto *cerâmicos* recorta conceitualmente o nome *materiais*, restringindo seu conteúdo referencial. A CA_{Adj}, portanto, limita o significado do Ref, impedindo que este seja tomado em sentido genérico/impreciso. O construto *novos*, por sua vez, escopa *materiais cerâmicos*, opondo esse referente a outros (pressupostos) do mesmo tipo que são anteriores/velhos. Quanto ao construto *adequadas*, que delimita o Ref *temperaturas*, embora a CA_{Adj} seja aparentemente avaliativa, deixa implícita a ideia de que a adequação da temperatura deve ser tomada dentro de determinados parâmetros que permitam “acomodar as células em veículo”. Sob essa ótica, tal adjetivo é crucial para o entendimento de *temperaturas* nesse contexto.

Relacionada à identificação referencial, outra função discursivo-pragmática da CA_{Adj} tem a ver com a *perspectivização* (ou *focalização*) do conteúdo modificado por essa construção. Nesse sentido, a CA_{Adj} auxilia não apenas no reconhecimento do referente mas também no modo como ele é/deve ser visto, atendendo a funções semânticas e discursivo-pragmáticas (TOMASELLO, 1998). As amostras a seguir exemplificam essa função.

- (31) A fabricante japonesa Nissan utilizou *um veículo elétrico de série*, uma van de transporte de carga e-NV200 com baterias recarregáveis para servir de modelo para este protótipo. *O veículo comercial elétrico*, que pode levar até 700 quilos de carga, tem autonomia de 120 quilômetros [...] (Disponível em: <<http://revista.pesquisa.fapesp.br/2016/08/05/apresentado-prototipo-de-carro-movido-a-etanol-e-celula-a-combustivel/>>. Acesso: 19 set. 2018).
- (32) Refere-se a um *tipo de consumo puramente materialista*, que põe o apoderamento do dinheiro em um plano superior [...]. A qualidade de vida, a expressão de si, preocupações referentes ao sentido da vida estão em voga e se sobrepõem ao *consumo desenfreado e isento de reflexividade*. (Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000100024>. Acesso: 24 set. 2018).

Essas amostras revelam que a CAdj tem uma participação importante na (re)focalização do referente, orientando modos distintos de “ver” o conteúdo referencial. Em 31, *veículo* é primeiramente focalizado como sendo *elétrico*, ou seja, um tipo específico dessa categoria. Nesse caso, o construto adjetival atua como elemento restritivo subcategorizador. Mais adiante, esse mesmo referente é perspectivizado com outro viés conteudístico pelo acréscimo do construto *comercial* anteposto a *elétrico*. O acréscimo do termo *comercial* leva-nos a conceitualizar esse tipo de veículo não mais apenas como um meio de transporte mas também como um empreendimento financeiro (*i.e.*, com fins lucrativos) de seu fabricante, a Nissan. Com isso, o Ref *veículo* é reconfigurado semântica e discursivamente.

Em 32, o construto *materialista* (restringido pelo advérbio *puramente*) descreve uma forma específica de *tipo de consumo*, a qual é seguida de uma oração relativa que a explica (*que põe o apoderamento do dinheiro em um plano superior*). Mais adiante, essa forma de consumo é perspectivizada sob um viés ainda mais negativo, o que é posto pelos construtos *desenfreado e isento [de reflexividade]*, dando a entender que se trata de uma prática censurável e nociva, com possíveis efeitos danosos. Por esses casos ilustrativos, vemos que a CAdj contribui na (re)apresentação de um Ref sob enfoques diversos, refletindo a maneira (positiva ou negativa) com que este é tematizado e como deve ser visto pelo interlocutor.

Essas propriedades da CAdj estão diretamente associadas à *introdução* ou à *manutenção do tópico discursivo*, colaborando na *progressão discursiva*. Como introdutora de tópico, ela participa da apresentação de um dado objeto de discurso que serve como âncora temática, constituindo uma informação nova. Como continuadora, auxilia na manutenção do tópico, refocalizando o objeto de discurso sob uma certa perspectiva conceitual. Sendo assim, embora colabore na retomada de uma informação dada (velha), a CAdj, conforme já visto, reconfigura-a conceitualmente, atribuindo-lhe um novo valor semântico e/ou discursivo-pragmático. Com isso, ela participa dos movimentos de prospecção (catafóricos) e de retrospecção (anafóricos) na distribuição do conteúdo informativo, contribuindo para orientar co(n)textualmente o interlocutor na construção de sentidos (GIVÓN, 1998). Vejamos as ocorrências que seguem:

(33) *Acrescente o peito de frango já cozido e desfiado e refogue mais um pouco [...]*

(Disponível em: <<http://www.tudogostoso.com.br/receita/876-lasanha-de-carne-moida.html>>. Acesso: set. 2018).

(34) [...] foram abordados *os seguintes temas*: a ciência e a educação; correntes pedagógicas no ensino superior de enfermagem; estratégias pedagógicas inovadoras e avaliação do aluno.

(Disponível em: <https://journal.sobep.org.br/wp-content/uploads/articles_xml/2238-202X-sobep-10-01-0031/2238-202X-sobep-10-01-0031.x48393.pdf>. Acesso: 24 set. 2018).

Em 33, *cozido e desfiado* – que modifica o nome *peito de frango* – realizam uma operação de retorno a uma informação já dada na receita: a de cozer e desfiar esse ingrediente, os quais constituem passos necessários no preparo do prato. Nesse caso, tais construtos têm valor anafórico, contribuindo para o movimento de retrospecção informacional e, ao mesmo tempo, servindo como ponto de apoio para o avanço do conteúdo textual, o que mantém o fio da coerência discursiva. Em 34, *seguintes* – modificador de *temas* – também tem a ver com a sequenciação textual.

Porém, o processo é inverso pelo fato de se relacionar ao movimento de prospecção. Nesse sentido, a CAAdj funciona como uma espécie de “sinalizador” textual que aponta para a informação a ser dada; ou seja, trata-se de uma instância de valor catafórico.

Associada à (re)focalização informacional, a CAAdj pode, ainda, atuar como *suporte na argumentação* (OLIVEIRA, 2021; PEREIRA, 2011; SILVA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013). Auxiliar na estratégia de persuasão, a CAAdj funciona como um reforço valioso do viés opinativo que o falante/escrevente deseja impor, a fim de conquistar a adesão de seu ouvinte/leitor. Observemos as amostras que seguem:

(35) Em *tristes, trágicos e temerosos tempos* no Brasil, acabamos de ter Educação Física, Artes, Filosofia e Sociologia retiradas da Formação Educacional de nossas crianças e adolescentes.

(Disponível em: <<http://www.odiarionline.com.br/noticia/57015/A-PENA-QUE-VALE-A-PENA>>. Acesso: 18 set. 2018).

(36) [...] por *dever ético*, há de estar o *professor consciente e cauteloso* acerca do *conteúdo ideológico* de suas expressões e de quanto *suas experiências pessoais*, e *não estritamente científicas*, definem o seu modo de pensar e comprometem o aprendizado.

(Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/liberdade-de-catedra-e-o-direito-de-aprender-5ztcqk96a8cbfupg76a2zgveu>>. Acesso: 24 set. 2018).

No excerto 35, os construtos *tristes, trágicos e temerosos* representam a avaliação (inter)subjetiva do articulista, com viés negativo, em relação a *tempos no Brasil*. Essa avaliação se relaciona ao fato de o autor argumentar contrariamente à retirada de disciplinas de formação humanística da educação básica. No 36, o articulista correlaciona os construtos predicativos *consciente e cauteloso* ao *professor* que demonstra compromisso ético (*dever ético*) para com o *conteúdo ideológico* de suas aulas. Com isso, o autor coloca a ética da prática pedagógica como dependente de qualidades pessoais do docente.

Contrariamente, mostra o risco para o aprendiz caso o professor priorize *experiências pessoais* em detrimento das *estritamente científicas*. Assim, conforme o que já foi atestado em Schneider (2008), o uso de adjetivos nesse contexto persuasivo serve não apenas para delimitar/qualificar referentes, mas também para estabelecer nexos na construção da tese e/ou dos argumentos, reforçando a orientação opinativa do locutor.

Por fim, apresentamos o seguinte quadro, que sintetiza relativamente o *continuum* funcional da CAdj conforme sua (sub) categorização semântico e valor discursivo-pragmático.

Quadro 4 – *Continuum* funcional da CAdj.

Classificadora		Determinativa		Qualificadora	
Especificativa	Circunstanciadora	Quantitativa	Situadora	Descritiva	Avaliativa
+Restritiva/+Identificativa					+Explicativa/-Identificativa
+Expositiva/+Informativa					+Apreciativa/+Argumentativa
+Técnica/+Objetiva					+Emotiva/+(Inter)Subjetiva
+Denotativa/+Referencial					+Expressiva/+Apelativa
+Cognitiva/+Ideacional					+Pragmática/+Interacional
+Dependente/+Integrada conceitualmente					+livre/-Integrada conceitualmente
+Icônica/-marcada					-Icônica/+marcada

Fonte – Autoria própria.

5 Considerações finais

Neste artigo, concentramo-nos no exame da Construção Adjetiva (CAdj) no PB contemporâneo. Nessa direção, traçamos como desafios descrever e explicar a CAdj considerando aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos. Para tanto, valemos da Linguística Funcional Centrada no Uso, mormente de conceitos operacionais da Gramática de Construções. Como material de análise, recorreremos a gêneros discursivos diversos, contemplando fala e escrita, para melhor verificar usos da CAdj.

Constatamos que a CAdj é de natureza multiforme e multifuncional, visto que se manifesta por meio de processos variados de configuração formal e desempenha funções sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas bastante diversas. Nesse sentido, a CAdj se distribui em um *continuum* formal e funcionalmente multifacetado, que vai das instanciações mais prototípicas até as que se afastam dos padrões mais definidores dessa categoria lexical.

Em relação aos aspectos morfológicos, vimos que a CAdj se mostra tanto pela formação primitiva [X_{Base}] como pela derivada. Nesta, ela se forma, predominantemente, pelo esquema [X_{Base} -Suf], que se mostrou o mais produtivo, tanto pela variedade de *types* como pela frequência de *tokens*, sendo, na maioria, de base denominal ou deverbal. Desses *types*, destacam-se as formações instanciadas por [X-do], [X-al] e [X-ico]. O esquema [$X_{Base} + Y_{Base}$] é pouco frequente; do mesmo modo, são os formados por [Pref- X_{Base}] e [Pref- X_{Base} -Suf]. Estes são provenientes, sobretudo, de bases já adjetivadas. Sob essa ótica, a CAdj pode se instanciar por microconstruções idiossincráticas (totalmente especificadas), por microconstruções relativamente esquemáticas/especificadas e flexíveis e pela não especificada [$X_{Base} + Y_{Base}$].

No que tange aos aspectos sintáticos, conforme já atesta a tradição gramatical, a CAdj ocupa, prototipicamente, as funções de modificador atributivo, como adjunto adnominal diretamente associada a um N, no âmbito sintagmático, e de predicativo, relacionado a um Suj, a um Obj ou a uma Or – como modalizador –, no âmbito (inter)oracional. Vista assim, a CAdj é uma construção dependente, posto que pressupõe um contexto sintático/textual ao qual se subordina. No caso da função atributiva, as principais configurações esquemáticas são [N CAdj], [CAdj N], [CAdj N CAdj] e [N CAdj CAdj], sendo a primeira delas a mais frequente. A relação predicativa com o Suj se dá, na maioria dos casos, pela intermediação de um Cop [Suj Cop CAdj], que são os usos mais comuns, segundo observados no *corpus*. No caso da relação com o Suj ou com o Obj em predicados secundários (com V pleno), dá-se a omissão do Cop: [Suj V CAdj], [Suj V Obj CAdj]. Em função modalizadora interoracional, a CAdj antepõe-se à proposição que modifica, vindo quase sempre precedida por um Cop.

Entretanto, há usos da CAdj no plano multiproposicional. São microconstruções sintaticamente “isoladas”, as quais não se enquadram no âmbito sintagmático tampouco no (inter)oracional. Nessa condição, projetam-se como avaliativos sobre um dado conteúdo textual, exercendo, desse modo, funções mais discursivo-pragmáticas.

Do ponto de vista semântico, classificamos a CAdj em três categorias, relativamente alinhados ao que se encontra em Pria (2004, p. 50): *classificadora*, *determinativa* e *qualificadora*. Essas categorias foram distribuídas em subcategorias distintas: a primeira, em *especificativa* e *circunstanciadora*; a segunda, em *quantitativa* e *situadora*; e a terceira

em *descritiva* e *avaliativa*. Tais subcategorias estão, em alguma medida, associadas a funções e posições sintáticas menos/mais estabelecidas, a depender de pressões do uso.

No que respeita à relação entre a subcategorização semântica da CAdj e o gênero discursivo em que ela figura, os dados mostram que é possível fazer certa associação entre ambos. Significa dizer que existe(m) subcategoria(s) que tende(m) a ser mais recrutada(s) na construção do discurso do que outra(s). Assim, gêneros mais técnicos/objetivos favorecem mais o recurso à CAdj especificativa; gêneros mais apreciativos/(inter)subjetivos parecem recrutar mais a CAdj avaliativa.

Quanto aos aspectos discursivo-pragmáticos da CAdj, esta se caracteriza por desempenhar, no geral, as seguintes funções: fornece informação adicional por introduzir uma propriedade atribuída ao N, ao Suj, ao Obj ou à proposição; lança uma espécie de “lente de aumento” sobre o conteúdo referido, possibilitando conceitualizá-lo com um detalhe a mais; colabora na (re)focalização (ou perspectivização) de certo conteúdo, permitindo “vê-lo” sob determinado enfoque/ponto de vista; participa na introdução ou na manutenção de um dado tópico discursivo, contribuindo para os movimentos de prospecção e/ou de retrospecção textuais (*i.e.*, de progressão discursiva); atua como suporte de estratégia argumentativa, servindo como um reforço na orientação argumentativa do falante/escrevente, sendo um recurso intersubjetivo importante no esforço de persuasão.

A análise/discussão que empreendemos aqui sobre a CAdj no português atual, embora aproveite contribuições de estudos sobre o adjetivo, em certa medida, difere destes e dos demais. Essa diferença se mostra, em primeiro lugar, por tratarmos essa categoria linguística em termos construcionais; também por considerarmos tal categoria em um *continuum* formal e funcional, em vez de tomá-lo como um item lexical estanque; e, ainda, por procurarmos apreender, de modo mais integrado, pressões do uso, em contextos discursivos variados, sobre propriedades formais e funcionais dessa construção, não restringindo o exame a um ou outro aspecto isolado.

Por fim, resta assinalar a importância dos resultados desses achados para o ensino do português. Nesse sentido, o estudo pode contribuir não apenas para uma compreensão mais ampla sobre a natureza formal e o valor multifuncional da construção adjetiva, em termos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos, mas também para a orientação quanto ao recurso mais criterioso e eficiente dessa categoria linguística na produção de textos, considerando suas possibilidades e/ou restrições de uso.

Declaração de autoria

José Romerito Silva: Estudo do adjetivo no PB em perspectiva funcional-construcionista, considerando aspectos formais e funcionais; busca, levantamento quantitativo, análise e interpretação dos dados; escrita do texto. Ana Catarina Ferreira Cabral Oliveira: Estudo do adjetivo no PB em perspectiva funcional-construcionista, considerando aspectos formais e funcionais; busca, levantamento quantitativo, análise e interpretação dos dados; escrita do texto.

Referências

ALMEIDA, M. L. L. de; GONÇALVES, C. A. Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro – propostas e problemas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 20, 2005, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2005. p. 237-246.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 43.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BARBOSA, M. G. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados*. 2006. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, UFRJ, 2006.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Chicago: UCP, 2000.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. (rev. e ampl.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BECK, D. The syntax, semantics, and typology of adjectives in Upper Necaxa Totonac. *Linguistic Typology*, Vancouver, v. 4, n. 2, p. 213-250, 2000. DOI: 10.1515/lity.2000.4.2.213.

BERTOLDI, A.; CHISHMAN, R. L. de O. A semântica dos adjetivos e os sistemas de extração de informação na web. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 41, n. 2, p. 325-340, 2006.

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 109-131.

BORBA, F. da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BORGES NETO, J. *Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais*. 1979. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1979.

BORGES NETO, J. O adjetivo e a construção do sintagma nominal: alguns problemas. *Letras*, Curitiba, v. 34, p. 28-38, 1985. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v34i0>.

BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

CALLOU, D.; SERRA, C. A variação na ordem dos adjetivos nos últimos quatro séculos. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: Contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. p. 191-205.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. de.; CASTILHO, C. M. M. de. Adjetivos predicativos, *Letras*, Santa Maria, v. 5, p. 121-140, 1993.

CONTERATTO, G. B. H. *Adjetivos: uma representação lingüístico-computacional*. 2009. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, PUCRS, 2009.

CORBARI, A. T.; SELLA, A. F. O par “É + adjetivo” como recurso de modalização: reflexões iniciais. *Línguas e Letras*, Cascavel, v. 8, n. 15, p. 259-273, 2007. DOI: <https://doi.org/10.5935/rl&l.v8i15.1158>.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: OUP, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. (reimp.). Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

FINATTO, M. J. B.; HUANG, C. Da adjetivação em química e medicina: algumas implicações para os estudos do léxico e de textos técnico-científicos. *Revista Língua e Literatura*, Erechim, v. 7, n. 10/11, p. 45-55, 2005.

FOLTRAN, M. J.; CRISÓSTIMO, G. Os adjetivos participiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 129-154, 2005. DOI: <http://10.17851/2237-2083.13.1.129-154>.

FRIED, M. Construction grammar. In: KISS, T.; ALEXIADOU, A. (eds.). *Syntax - theory and analysis: an international handbook*, v. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 974-1003.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Banco Conversacional de Natal*. Natal: EDUFN, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GARCIA, A. S. Deslocamento de adjetivos no sintagma nominal do português. *SOLETRAS* – Suplemento, São Gonçalo, n. 20, p. 41-64, 2010. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2010.5190>.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax: proceedings of a symposium on iconicity in syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985. p. 187-220.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. The functional approach to grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 41-66.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. *TRENDS in Cognitive Sciences*, Cambridge, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003. DOI: 10.1016/S1364-6613(03)00080-9.

HOFHERR, P. C. Adjectives: an introduction. In: HOFHERR, P. C.; MATUSHANSKY, O. (eds.). *Adjectives: formal analyses in syntax and semantics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 1-28.

LIRA, A. R. C. de. *Motivações competidoras entre a construção relativa passiva e a construção de adjetivo deverbal de particípio passado*. 2018. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2018.

MIKOŁAJCZAK, S. *Studia Romanica Posnaniensia*, Poznań, v. 29, p. 187-196, 2003. DOI: 10.14746/strop.

MÓIA, T. Sobre classes semânticas de adjetivos. *Cadernos de Semântica*, Lisboa, v. 7, p. 1-24, 1992.

MULLER, A.; NEGRÃO, E. V.; NUNES-PEMBERTON, G. N. Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores?. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (orgs.). *Gramática do português falado*, v. 7. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2003. p. 317-344.

NEVES, M. H. de M.. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, A. C. F. C. *O adjetivo em gêneros argumentativos do ambiente virtual*. 2021. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2021.

PEREIRA, S. B. O adjetivo na orientação argumentativa do discurso: a proposta da semântica argumentativa. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 1, n. 3 (Edição especial), p. 183-198, 2011.

PRIA, A. D. A não delimitação de subgrupo via adjetivos avaliativos. *Alfa*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 49-60, 2004.

PRIM, C. de S. *A sintaxe de adjetivos nas posições pré- e pós-nominal*. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

RIBEIRO, S. B. C.; BORSTEL, C. N. von. A expressividade enunciativa do adjetivo no gênero textual dissertativo-argumentativo. *Línguas & Letras*, Cascavel, v. 11, n. 20, p. 1-16, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5935/rl&l.v11i20.3776>.

RIO-TORTO, G. Para uma gramática do adjetivo. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 103-129, 2006.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>.

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SALLES, H. M. M. L.; MELLO, M. A. C. R. de. Adjetivos em -vel: formação e produtividade. *Revista Investigações*, São Leopoldo, v. 18, n. 2, p. 1-18, 2005.

SANDMANN, A. J. Salto de etapa(s) na formação de palavras. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 83-87, 1994.

SCHNEIDER, L. Adjetivos: marcas de modalização e argumentatividade. *In: VIII SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA*, 8, 2008, Cascavel *Anais...* Cascavel: UNIOESTE, 2008. p. 1-14.

SERRA, C. R. *A ordem dos adjetivos no percurso histórico: variação e prosódia*. 2005. 153 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ, 2005.

SILVA, A. da. A ordem dos adjetivos em grupos nominais: uma questão sintático-semântica e discursiva. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 6, n. 3, p. 134-141, 2008.

SILVA, S.; OLIVEIRA, E. G. de; OLIVEIRA, L. C. G. de. A expressividade argumentativa do adjetivo no texto publicitário. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 201-231, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2013v16n1p201>.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: CUP, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructional change and constructionalization*. Oxford: OUP, 2013.

TUCKER, G. H. *The lexicogrammar of adjectives: a systemic functional approach to lexis*. London/New York: Cassell, 1998.